

O DISCURSO MUDIÁTICO EM *FRAMING*: ANÁLISE MULTIMODAL DE TEXTO JORNALÍSTICO SOBRE A PERIFERIA DE BRASÍLIA

Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo¹
Universidade de Brasília
Campelo.sandra@gmail.com

Priscila Formiga Santos²
Universidade de Brasília
prisformiga@gmail.com

Janaína Aquino Ferraz³
Universidade de Brasília
ferraz.jana@gmail.com

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise de recursos semióticos presentes em uma reportagem jornalística sobre a cidade de Ceilândia, no Distrito Federal. O objetivo deste trabalho é fazer a leitura de elementos visuais que operam na construção de sentidos ideológicos. A análise crítica do site ancora-se nos estudos de Fairclough (2003, 2010) para descrever elementos discursivos que operam na construção de sentido. O estudo analisou também a estrutura da plataforma, bem como as imagens sob a perspectiva da Multimodalidade proposta dos teóricos Günther Kress e Theo van Leeuwen em sua Gramática Visual (2006); dos estudos dos clusters propostos por Baldry e Thibault (2006); e do texto, em que se recorre à proposta de Halliday (1994) e de sua Gramática Sistêmico-Funcional.

Palavras-chave: Mídia. Periferia. Violência. Estigmatização.

1 INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos os estudos críticos do discurso pautados na Teoria da Multimodalidade, aprendemos que "há mais mistérios entre o autor/remetente e o leitor/receptor/*viewer*⁴ do que a vã filosofia dos homens possa imaginar", se nos permitem uma releitura das palavras de

¹ Doutoranda em Linguística da Universidade de Brasília, área de concentração: Sociedade e Linguagem. Mestra em Linguística (UnB). Especialista em Língua Portuguesa (Ceub), Educação a Distância (SENAC) e Tecnologias na Educação (PUC/RJ). Formada em Letras (Ceub). Professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

² Possui graduação em Letras - Português do Brasil como Segunda Língua pela Universidade de Brasília (2013). Discente do curso de Língua Portuguesa e respectiva literatura na Universidade de Brasília. Atuação na área de ensino de Português do Brasil para estrangeiros.

³ Professora da Licenciatura em Letras Português do Brasil como Segunda Língua do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP da UnB. Doutora em Linguística pelo PPGL da UnB. Membro da Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN e da Associação Latinoamericana de Estudos do Discurso - ALED. Engajada com as novas tendências de ensino, tem larga experiência na modalidade de ensino presencial e a distância. Foi coordenadora da graduação em Letras Português EaD da UnB.

⁴ *Viewer* termo inglês adotado por Kress e van Leeuwen (2006) para os leitores ou usuários de textos imagéticos.

Shakespeare em Hamlet (2010). A análise da estrutura composicional de textos e de imagens que circulam diariamente em sites jornalísticos da internet, nos revela elementos “não-transparentes” ao leitor casual; mas que interferem em sua interpretação sem que este os perceba. A leitura oral e escrita já não é suficiente para a interpretação do todo. Algumas modalidades na leitura passam a configurar como essenciais aos olhos do *viewer*: cores, vetores, fontes, perspectiva, saturação entre outros elementos, trazem mais visibilidade ao leitor.

Para este artigo, foi selecionada uma reportagem sobre a cidade de Ceilândia⁵ produzida pelo Site do Correio Braziliense, um dos mais renomados jornais da Capital Federal. O texto, produzido especialmente para o Correio (conforme indicado pelo próprio site), trata da violência na maior cidade-satélite do Distrito Federal.

O texto jornalístico é um material autêntico e que os professores trazem para sala de aula normalmente. É um recurso que serve de base para uma reflexão crítica no processo de ensino de Português. Sabemos que as escolhas dentro de um texto, não são aleatórias e essas escolhas conduzem a interpretações falhas e, por vezes, viciadas e discriminatórias. Almeida (2009) destaca que

O predomínio de imagens na mídia contemporânea de massa tem exercido, nas últimas décadas, um papel fundamental na criação de um novo conceito de letramento associado ao visual, o qual, por permitir o acesso às habilidades visuais, amplia as possibilidades pedagógicas e promove o desenvolvimento da capacidade crítica dos aprendizes no sentido de exercitar a reflexão sobre o construto ideológico por trás da composição de estruturas semióticas visuais. (ALMEIDA, 2009, p. 177)

A opção por trabalhar com textos jornalísticos na internet se deve ao fácil acesso de conteúdo. Estamos vivenciando aceleradas transformações no campo da informação e tais mudanças trouxeram o que chamamos de democratização do saber, da leitura. O acesso ao conhecimento não se restringe mais a classes dominantes, como a igreja, durante o período medieval; ou o governo, em regimes ditatoriais⁶. Hoje todos podem ter acesso a informação que circula que rapidez impensável há alguns anos.

Diante dessas mudanças, muitos meios de comunicação também precisaram se adequar. O jornal, por exemplo, popularizou e se reinventou. A globalização atingiu as diversas camadas da sociedade e diversos cantos do mundo. Não precisa mais comprar o jornal na banca para se ter informação. Temos a facilidade de ter a informação à mão (literalmente) por meio de celular, redes sociais, etc. Para isso, basta ter acesso à internet (e em diversas cidades esse acesso é

⁵ Cabe destacar aqui, que o texto foi escolhido a partir de busca na internet com a temática “Ceilândia”. Os discursos midiáticos que circulam sobre a cidade são objetos de estudo de uma das autoras.

⁶ Nota-se que ainda hoje, há sistemas políticos que restringem o acesso à informação.

livre, custeado pelo governo local) para viajar por diversos sites. Dessa forma, faz-se necessário a compreensão de uma leitura mais adequada aos moldes atuais.

A seleção do texto não foi aleatória. Com a ajuda do buscador na internet, escrevemos “Ceilândia” e utilizamos o filtro “notícias”. A cidade é um referencial de pesquisa, pois é o lugar onde uma das autoras trabalha e desenvolve sua investigação de doutorado na área de linguística. Ao analisarmos a representação da cidade de Ceilândia na mídia queremos reconhecer: quem são os personagens? Como a imprensa os retrata? Quais são os temas que circundam a cidade? Observamos que já há uma temática recorrente associada a Ceilândia: violência, pobreza, periferia. Como é construído essa relação e estigmatização de um lugar? Este artigo ajuda a desvendar a construção de textos com recursos semióticos que conduzem o *viewer/leitor* a uma interpretação, geralmente, viciada e deturpada da realidade.

2 UM ADENDO

Antes de iniciarmos nossa análise linguística, é essencial um adendo sobre a cidade de Ceilândia, que é o foco de nosso estudo: como ela é representada nas páginas jornalísticas.

Ceilândia foi inaugurada em 1971 para abarcar diversos trabalhadores que vieram na década de 50 e início dos anos 60 para ajudar a construir a sede da Nova Capital Federal, Brasília. Após a inauguração da cidade, o governo previu que apenas um terço trabalhadores ficasse em Brasília; outro terço, voltasse para seus estados de origem; e o restante, dedicasse à produção agrícola. (PEREIRA, 2016). Entretanto, a maioria dos operários decidiu permanecer na cidade com a firme esperança em dias melhores, em poder mudar uma realidade que os castigava em seus estados de origem; uma vez que muitos tinham vindo do Nordeste e fugiam da seca que castigava a região.

Para Tavares (2009, p. 85), as “vilas viviam uma situação de insalubridade séria” e associada a essa condição “elas estariam invadindo a área do chamado ‘anel sanitário’, o que poria em risco as condições de saneamento básico da nova capital”. Essa foi a justificativa encontrada pelo então governador para que se elaborasse um projeto de transferência das vilas que se formaram próximas à cidade do Núcleo Bandeirante (antiga Cidade Livre).

A cidade de Ceilândia surgiu em decorrência da Campanha de Erradicação de Favelas – CEI que foi o primeiro projeto de erradicação de favelas que aconteceu no Distrito Federal, na época, realizado pelo governo local. As remoções para a nova cidade foram iniciadas em 27 de março de 1971, estabelecendo a data de sua fundação a partir da transferência cerca de 80.000 moradores das favelas da Vila do IAPI, Vila Tenório, Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão e Morro do Querosene. (CODEPLAN, 2011, p. 133)

Desde a metade dos anos 70 para os anos 80, Ceilândia foi “marcada” como a cidade mais violenta do Distrito Federal. Na época, o jornalista radialista Mário Eugênio denegria o local com apelidos depreciativos que macularam/maculam a cidade até os dias atuais. A força do discurso midiático, nesse caso, foi imperiosa para degradar o lugar e seus moradores.

3 EMBASAMENTO TEÓRICO

O embasamento teórico deste trabalho envolve a exterioridade da linguagem sob a luz da Análise de Discurso Crítica, proposta por Fairclough (2001, 2003); bem como a interioridade do sistema linguístico dentro dos parâmetros da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004); a Teoria da Multimodalidade proposta por Krees e van Leeuwen (2000) e o estudo dos *clusters* de Baldry e Thibault (2006).

3.1 Análise de Discurso Crítica (ADC)

As práticas sociais e a linguagem constituem e interferem no sistema de uma sociedade. Os aspectos sócio-históricos e culturais da vida humana são materializados, primordialmente, em usos diversos da linguagem. As relações sociais são concretizadas por usos distintos da língua. A linguagem tem sido concebida como a responsável entre o homem e a sociedade.

A ADC estuda as interações sociais a partir da análise de textos. Fairclough (2001) considera o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade individual. Esta ideia faz repensar a linguagem como discurso, isto é, uma prática ativa que altera o mundo e altera os indivíduos no mundo e manipula a estrutura social. Segundo Fairclough (2001, p. 91), “o discurso contribui para construção de identidades sociais, para a construção de relações sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimentos e crenças.” Esses efeitos construtivos correspondem a três funções da linguagem e a dimensões de sentidos que o autor denomina de linguagem identitária, relacional e ideacional.

Para Silva (2013, p. 88-89)

significados acionais (gênero) implicam relação de controle sobre os outros (eixo do poder) – o que envolve as funções interpessoal e textual da linguagem como *ação*;

significados representacionais (discurso) implicam relação de controle sobre as coisas (eixo do conhecimento) – o que envolve a função ideacional da linguagem como *representação*;

significados identificacionais (estilo) implicam relação do indivíduo consigo mesmo (eixo da ética) – o que envolve também a função interpessoal da linguagem como *identificação*.

3.2 Linguística Sistêmico Funcional (LSF)

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta pelo estudioso britânico Michael Alexander Kirkwood Halliday, constitui uma teoria do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico.

Fairclough (2003, p. 5) considera a LSF como “um valioso recurso para análise de discurso crítica”, uma vez que essa teoria “está profundamente preocupada com a relação entre a língua e outros elementos e aspectos da vida social”. Halliday desenvolveu a LSF na intenção de que se observe o sistema da língua e as suas funções em simultâneo, olhar para a língua de todos os possíveis modos. Segundo o autor, o texto está inserido em dois contextos: de Situação e de Cultura.

Figura 1 - Texto em contexto



Fonte: Adaptado de Halliday (2004)

O Contexto de Situação se refere ao ambiente imediatamente ligado ao texto. Dependendo do Contexto de Situação em que o enunciado for usado ele terá diferentes interpretações. O Contexto de Cultura está ligado à noção de propósito social e se refere às práticas culturais dos países, dos povos e às práticas institucionalizadas em igrejas, escolas, comunidades, instituições. Para Halliday (1994), o Contexto de Situação está situado em três níveis: Campo, que se refere à atividade no qual os participantes estão envolvidos; Relações, que tratam dos participantes na situação; e Modo, que se refere à função que a linguagem exerce. Para cada contexto de situação, foi estabelecida uma metafunção do uso da língua. (HALLIDAY, 1994). São elas: experiencial ou ideacional, é dedicado à oração como representação, o que envolve o sistema de transitividade; interpessoal, onde vemos a oração como troca; e a textual, que vê a “oração como mensagem para atender a propósitos comunicativos” da informação (dado e novo) e da temática (tema e rema).

3.3 A Teoria da Multimodalidade

Ancorados nos estudos de Halliday (1994), Kress e van Leeuwen (2006) desenvolveram a Gramática do Design Visual. Para os autores,

O que é expresso em linguagem através da escolha entre diferentes classes de palavras e estruturas de oracionais, pode, na comunicação visual, ser expresso através da escolha entre diferentes usos de cores ou diferentes estruturas de composição. E isso afetará o significado. Expressar algo verbal ou visual faz a diferença. (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 2)

Kress e van Leeuwen sugerem novos nomes que se aproximam mais de uma análise visual:

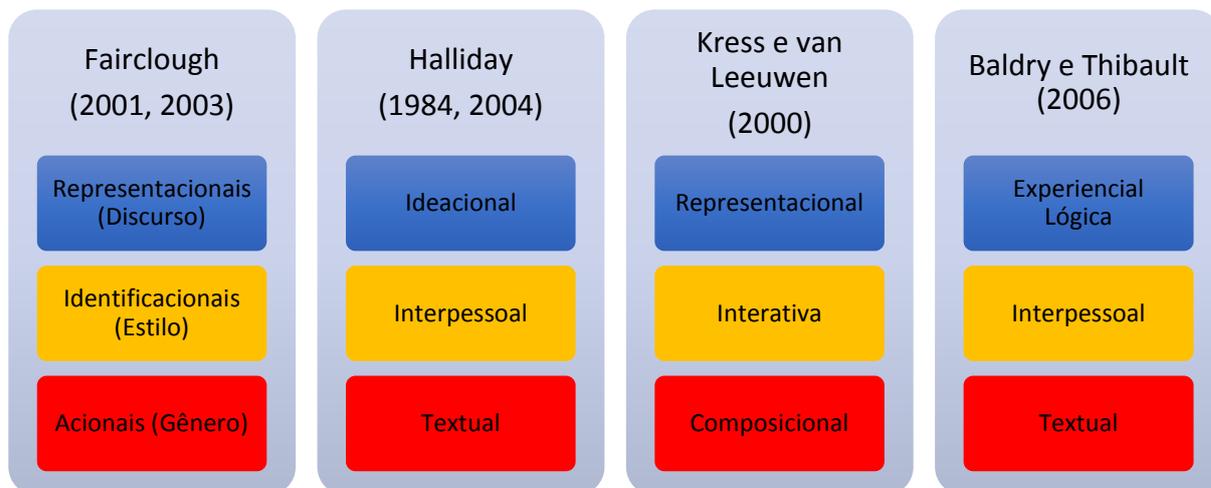
- a) Representacional: capacidade de representar aspectos do mundo e suas relações por meio de *estruturas narrativas e conceituais*.
- b) Interativa: relação social entre produtor, observador e objetos realizada através de *distância, ponto de vista e vetor olhar*.
- c) Composicional: capacidade de formar textos organizados coerentemente de acordo com o contexto de produção. Integra os elementos pela *saliência, valor de informação e enquadramento (framing)*.

As teorias de Halliday (1979) e de Kress e van Leeuwen (2006) também influenciaram a obra de Baldry e Thibault (2006). Os autores salientam a contribuição desses teóricos para a definição e escolha de sua nomenclatura:

- a) Experiencial: interpretação dos fenômenos do mundo como categorias da experiência.
- b) Lógico: relação de interdependência causal e temporal, é realizado por estruturas recursivas.
- c) Interpessoal: preocupa-se pela linguagem como interação, como expressão de orientações atitudinais e avaliativas, e estabelecimento e negociação de posições subjetivas no discurso.
- d) Textual: organização coerente do texto, sua relação com o contexto e com a distribuição interna da informação.

Em um quadro comparativo, podemos ver a proximidade das teorias que embasam este estudo.

Figura 2 - Comparativo das propostas teóricas



Fonte: elaborada pelas autoras

Gunther Kress e van Leeuwen, no livro *Reading Images* em 1996, propuseram a noção de enquadramento (*framing*) como um dos elementos composicionais dos textos multimodais, que juntamente com *Saliência* e *valor da informação* formam os três princípios da composição e do significado composicional, e funcionam, ademais, como categorias analíticas da Gramática do Design Visual. Os autores definem *enquadramento* como

desconexão e/ou conexão de elementos numa composição visual, por exemplo, linhas, bordas, espaços vazios entre os elementos, descontinuidade ou semelhança de cores, tamanho visual etc. O significado disso, o potencial semiótico, é que elementos desconectados serão lidos como separados e independentes, talvez contrastando unidades de significado, ao passo que elementos conectados serão lidos como pertencentes, de um modo ou de outro. como contínuos ou complementares, por exemplo. (KRESS e van LEEUWEN, 2006, p. 7, tradução nossa)

Como *Saliência*, os mesmos autores definem como elementos feitos para atrair a atenção do leitor: primeiro plano, plano de fundo, tamanho, contraste de cor, nitidez etc. *Valor da informação* é caracterizado como o valor conferido aos elementos segundo a disposição na imagem: esquerda(dado) e direita(novo), topo(ideal) e base(real), centro e margem - núcleo da informação. (KRESS; van LEEUWEN, 2006)

Passemos então, aos estudos críticos tendo pontos de análises os propostos por Kress e van Leeuwen (2000).

4 ENQUADRAMENTO DO SITE: DESVELANDO OS CLUSTERS

O estudo da Gramática Visual nos desperta para outros olhares. Os autores alertam quanto a isso:

Acreditamos que a comunicação visual vem sendo cada vez menos o domínio dos especialistas e **cada vez mais crucial nos domínios da comunicação pública**. Inevitavelmente, isso levará a regras novas e mais, e a um ensino mais formal e normativo. Não ser "alfabetizado visualmente" começará a atrair sanções sociais. **A "alfabetização visual" começará a ser uma questão de sobrevivência**, especialmente no local de trabalho. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 3, grifo nosso)

Para analisarmos a composição multimodal de um texto, precisamos identificar os *clusters* apresentados pelo autor. Mas... o que são *clusters*? Baldry e Thibault (2006) referem-se a *clusters* como

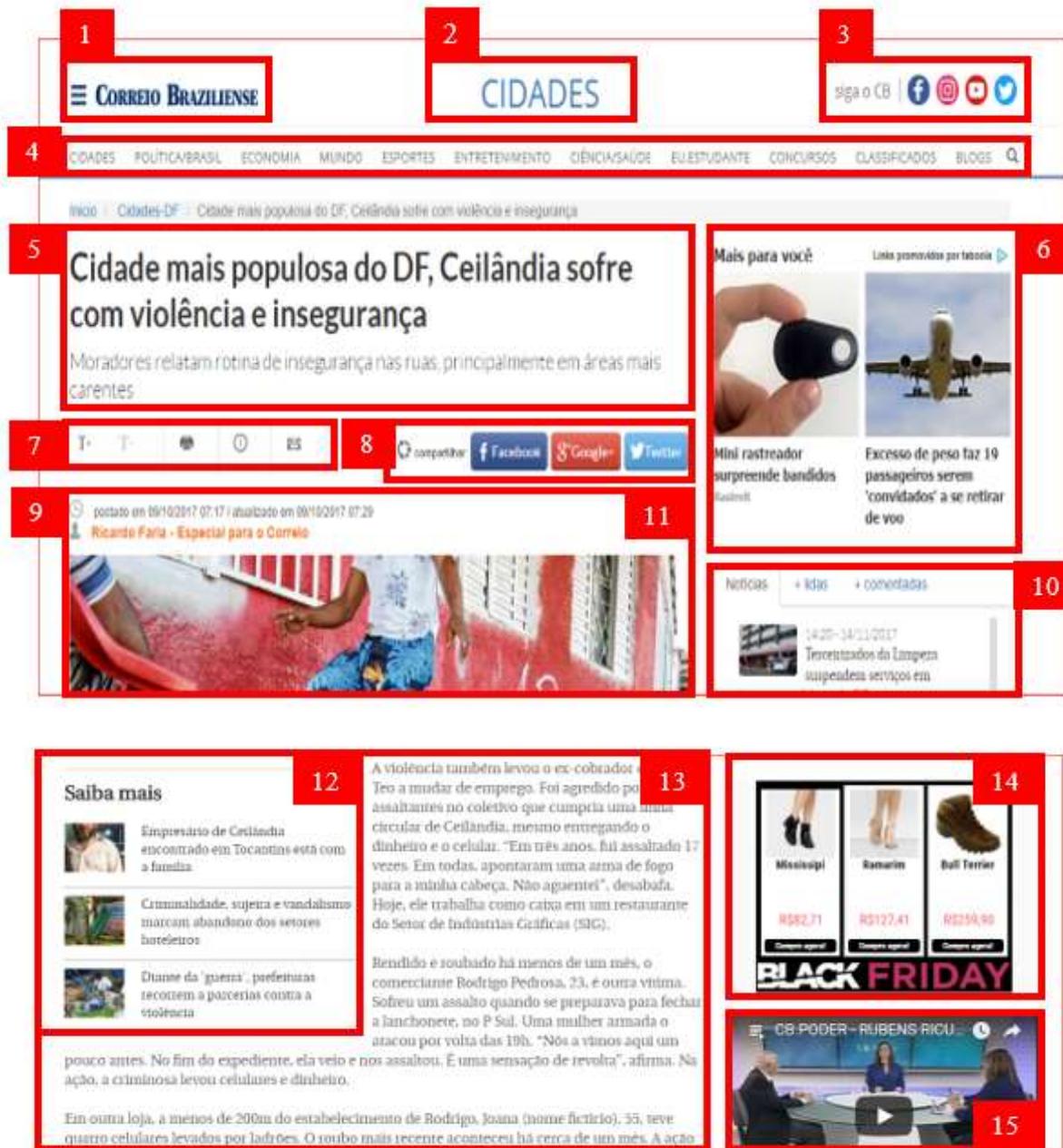
“agrupamento” de itens numa página web ou impressa. Os itens de um *cluster* específico podem ser visuais e verbais; são espacialmente próximos e, desse modo, são definidos a partir de uma região específica ou sub-região de uma página. [...] São, portanto, agrupamentos de recursos que formam reconhecíveis subunidades textuais que carregam/realizam funções específicas dentro de textos específicos. (BALDRY; THIBAUT, 2006, p. 31, tradução nossa)

Para Pinheiro (2016), o estudo dos *clusters* ajuda a compreender o significado das relações multimodais.

Analisar *clusters* ajuda a visualizar, em abordagem macro, como eles estão contidos dentro de outros maiores e também, de forma mais detalhada, a disposição dos itens multimodais de maior escala e os de menor escala. Esta análise é ferramenta muito importante para a compreensão de como recursos semióticos estão dispostos na página e como estes interagem para produzir significados. (PINHEIRO, 2016, p. 42)

Diante disso, refinemos nossos olhares seguindo as orientações de Baldry e Thibault (2006) quanto o agrupamento dos *clusters*.

Figura 3 - O enquadramento da página do Correio Braziliense



Fonte: divisão em *cluster* preparado pelas autoras para este estudo.

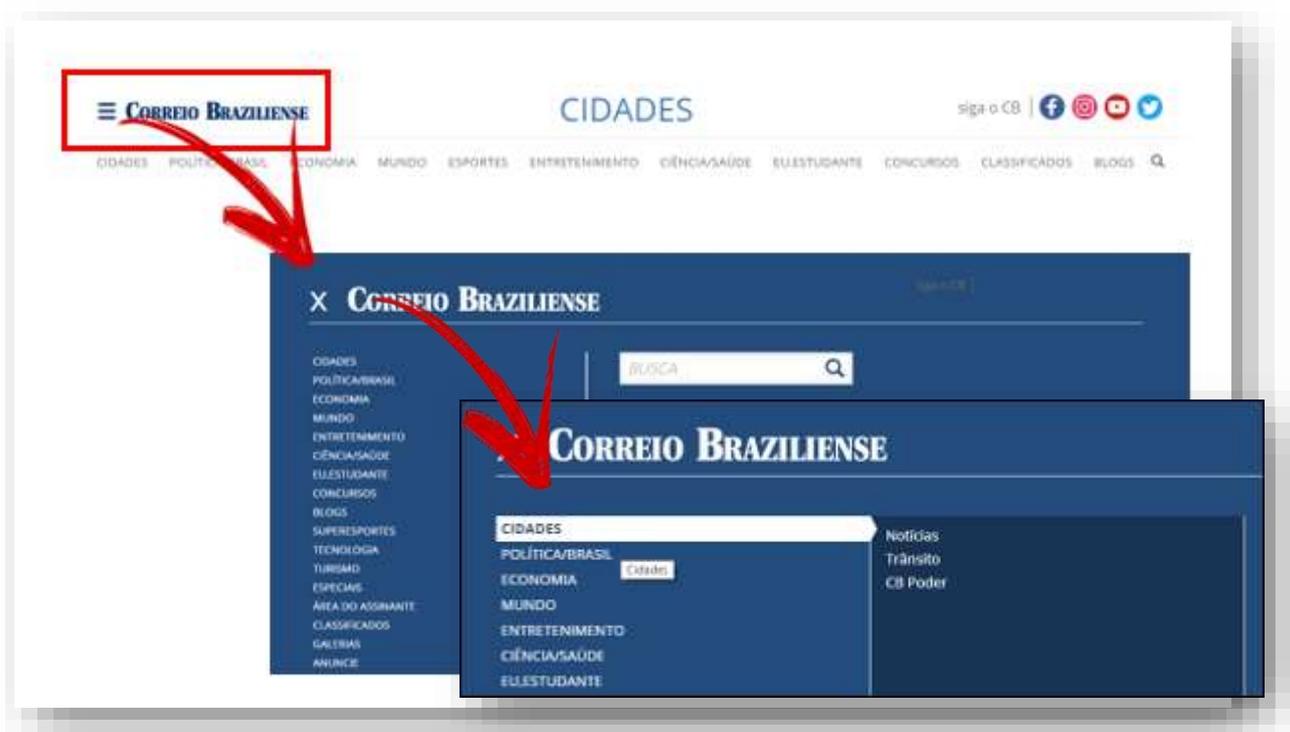
Podemos dividir a página do Correio em três grandes *clusters*: topo, central e lateral.

Na parte superior da página localizam-se o *cluster* topo. Nele encontramos os *subclusters* de 1 a 4 que são os responsáveis pela navegação na página do jornal. Eles ocupam toda a margem gráfica e estão distribuídos horizontalmente em três posições: esquerda, direita e centro. Recebem posição de destaque e separam-se da outra parte do texto por: uma linha horizontal azul desenhada a partir do enquadramento da página total do jornal e extrapolando as margens definidas da reportagem. Essa linha “recorta” o topo e delimita uma parte fixa que

acompanha todo o texto quando há a rolagem da página para leitura. Outros recursos semióticos também são utilizados para destacar o topo, como: tipo de fonte, tamanho e cor usados para ressaltar a modalidade escrita.

O *Cluster 1*, o fundo branco, o tipo e tamanho de fonte diferenciados das demais utilizadas em outros *clusters* e a cor azul marinho fazem com que destaque o nome do jornal e, portanto, a fonte da reportagem e a página web acessada. O ícone visual - caracterizado por três linhas horizontais alocadas uma acima da outra- ao lado esquerdo do nome do jornal abre para um hiperlink de MENU da página web. O MENU oferece um “cardápio” de opções para o *viewer/leitor*. O diferencial, no site, é que o Menu não se abre como uma lista *drop down*, mas em uma nova janela sobressaltada à principal. Observa-se o efeito de “cascata semiótica” na nova janela, ao passarmos o mouse sobre cada item do Menu.

Figura 4 - Menu



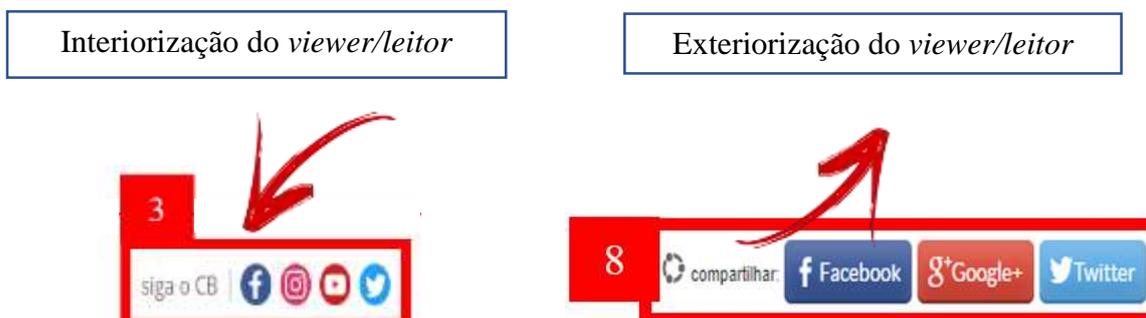
Fonte: Correio Braziliense

A “cascata semiótica” vai definir navegação e é definida por Baldry e Thibault (2006, p. 126) como “uma espécie de narrativa de múltiplas potencialidades”, uma vez que define uma trajetória de hipertextos presentes em diversos gêneros “multimidiáticos” e que torna a leitura não linear.

O *cluster* 2 diferencia-se pelo tipo de fonte, tamanho e cor, o destaque se realiza pelo grau de articulação entre os tons de azul empregados nos *cluster* 1 e 2. Os diferentes tons - escuro e claro - indicam a trajetória do *viewer*/leitor dentro da página - início do jornal → seção “*idades*”; além de situar a respeito do produtor e da temática geral da reportagem. O *cluster* 3 remete o *viewer*/leitor a página do jornal nas redes sociais. O *cluster* 4 indica os hiperlinks das temáticas gerais do jornal.

O *cluster* central é destinado à reportagem. Nele encontramos diversos *subclusters*. Um destaque para o *cluster* 7 que disponibiliza um espaço para que o *viewer*/leitor possa aumentar ou diminuir a fonte da reportagem, adequando às suas preferências na leitura; imprimir o conteúdo, se assim desejar; sugerir correções no conteúdo e/ou enviar por e-mail.

O *cluster* 8 disponibiliza ao *viewer*/leitor o compartilhamento da reportagem em suas redes sociais em um processo atual de integração de redes. Notam-se dois movimentos importantes dos *clusters* 3 e 8. Enquanto em 3, o *viewer*/leitor é “convidado” a interiorizar, a fazer parte da plataforma Correio Braziliense em outras redes sociais; em 8, ocorre o movimento inverso: o de exteriorização da reportagem nas redes sociais particulares.



Os *clusters* 5 e 9, referem-se a reportagem. O *cluster* 5 evidencia o gênero reportagem, é composto por 2 *subclusters*, o primeiro, “5a”, indica o Título da reportagem, o uso da cor e do tamanho da fonte contribui para destacá-lo; o segundo é o *Lead* o qual apresenta uma informação prévia da reportagem - relatos de insegurança e região mais carente. O tamanho da fonte que se destaca na página e cria um vetor direcionador do olhar. O *cluster* 9 apresenta a primeira informação do corpo da reportagem, é formado por um ícone visual - a fotografia -que contribui para a construção de sentido da reportagem.

5 A COMPOSIÇÃO DA REPORTAGEM

Que relação social pode-se estabelecer entre o produtor da imagem, o observador e o elemento representado? Para Burke (2004, p. 175): “Toda imagem conta uma história”. Para

Kress e van Leeuwen (2006) toda imagem está ligada a interesses das instituições sociais nas quais são produzidas.

As estruturas visuais não reproduzem simplesmente as estruturas da "realidade". Pelo contrário, produzem imagens de realidade ligadas aos interesses das instituições sociais nas quais as imagens são produzidas, circuladas e lidas. Elas são ideológicas. **As estruturas visuais nunca são meramente formais:** têm uma dimensão semântica profundamente importante. (KRESS; VAN LEEUWEN 2006, p. 47, grifo nosso)

A reportagem inicia com uma imagem (*cluster* imagético) e ao longo do texto são encaixadas outras duas. Todas representam, acredita-se, os personagens da narrativa.

Figura 5 - 18 Terror



Pichação em muro de residência na Quadra 18 da Expansão do Setor O, uma das regiões mais inseguras da cidade: vizinhança reclama de assaltos até na porta de casa

Fonte: Correio Braziliense

A primeira informação apresentada no texto é a fotografia (*cluster* imagético) composta por dois homens aparentemente conversando. Há a ausência do vetor olhar, porém a inclinação dos corpos - tronco, posição dos pés, braços e mãos - induz haver uma interação entre dois participantes. Compõem a imagem também, o muro de uma residência pintada de vermelho com uma pichação “18 Terror” em branco. O ângulo da fotografia é oblíquo e o distanciamento é mais afastado, dessa forma, é possível observar o corpo inteiro dos participantes, o chão, a parede da casa e parte do céu, constrói-se, assim, uma relação indireta, distante e impessoal com o leitor, visto que os participantes interagem entre si e um dos interagentes está posicionado de costas para o leitor. O observador não é convidado a interagir diretamente, mas para contemplar a imagem de fora. O ponto de vista é de baixo, evidencia-se o ângulo superior dos interagentes, no qual o participante tem poder e autoridade. A posição de destaque dos interagentes sob o ângulo que lhes confere autoridade e poder integra-se ao corpo da primeira

parte da reportagem em que os moradores relatam casos de violência e insegurança, são “porta-voz” da comunidade.

A fotografia, localizada na parte superior e central do texto, está na posição do ideal: os rapazes conversando tranquilamente na rua. O texto escrito, apresentado logo abaixo, contrasta com a imagem e revela o dado real da reportagem.

A principal informação da Figura 5 consiste na pichação: “18 Terror” que é destacada pela legenda:

“Pichação em muro de residência na Quadra 18 da Expansão do Setor O, uma das regiões mais inseguras da cidade: vizinhança reclama de assaltos até na porta de casa”

O primeiro parágrafo confirma a temática de insegurança e de violência da Cidade. Ao longo de todo texto são apresentados relatos de moradores, informações e experiências concretas representadas com o discurso direto que serão utilizados para a construção de sentido, que contribuem para a composição da reportagem e mostram o lado real do texto.

“Não tenho vontade de sair na rua. O medo está me vencendo.” Assim, Teo Carvalho, 26 anos, resume a insegurança na maior região administrativa do Distrito Federal. Esfaqueado, agredido e assaltado, o jovem não suporta mais a violência em Ceilândia. Morador da Quadra 18 da Expansão do Setor O, ele diz que o risco está perto de casa. [...] (Correio Braziliense, 2017, grifo nosso)

A Figura 5 conduz o viewer/leitor à representação do que se imagina a respeito dos informantes e moradores da cidade, bem como do que se imagina a respeito da característica visual de Ceilândia - “uma das mais inseguras” - a pichação. Ao relacionar, na descrição da imagem, a pichação com regiões inseguras e relatos de assalto sugere uma relação idealizada entre picho e violência. Vejamos outras figuras.

Figura 6 - “A população está enjaulada”



Moradora do Sol Nascente sofreu diversos roubos em coletivos

Fonte: Correio Braziliense

A cabeça apoiada em uma das mãos revela sofrimento, dor, preocupação. O jogo de contrastes (claro/escuro) e a grade ao fundo. O fundo da fotografia é geral e amplo, aparenta ser uma janela ou uma porta que pertence a uma residência ou a um comércio. Dessa forma, torna-se uma fotografia contextualizada tanto para os relatos de moradores como de comerciantes e, portanto, compõe o cenário descrito na reportagem: locais fechados, moradores inseguros e com medo. O sombreamento da imagem induz a um personagem que pode ser qualquer morador da cidade. Qualquer pessoa pode assumir, ou passar, pelo mesmo sofrimento que a personagem da figura. O corpo debruçado, decaído, que se ampara por sobre a mão representa o simbólico do sofrimento. As cores claras e escuras projetam esse jogo de significados da imagem.

O ângulo da fotografia é frontal, o distanciamento é médio e o ponto de vista é superior, o leitor é colocado como observador numa posição mais direta e mais próxima. É convidado a observar a posição/situação da interagente que, por vez, é apresentado o seu rosto, porém a ausência de olhar fixo, um olhar intransitivo, fixa o leitor como mero observador, no qual não é convidado a concordar, discordar ou opinar, mas apenas receber a informação.

A figura 6, no corpo da reportagem, está localizada entre dois subtópicos da reportagem denominados “Marcas” e “Rocinha brasiliense” e serve, dessa forma, como espécie de ‘conectivo’ entre esses subtópicos, como elemento integrador, pois ao mesmo tempo que a parte marcas⁷ relata o sentimento de preocupação, sofrimento e medo - representado também pela postura da mulher na fotografia.

⁷ Observa-se que Marcas estão associadas nessa parte do texto às feridas internas causadas pela violência. Mas também remete às marcas de agressão física que foram relatadas pelos moradores, como na figura 8.

Figura 7 - “Entretextos”

Marcas
No P Norte, a situação é semelhante. Entre uma abordagem e outra do Catete, percebe-se a observação de pequenos grupos que se reúnem nas esquinas do bairro. Para andar pela cidade, é preciso atenção redobrada. Por 20 minutos, Rose (nome fictício), 57, pensou que morreu. Homens armados se fingiram de clientes no estabelecimento dela para roubar a carteira do filho, dias atrás. “Até hoje fecho os olhos e me lembro da arma na minha cabeça”, relata. Segundo ela, o trabalho não foi mais o mesmo. “Passei um tempo sem vir. O sentimento é de medo”, enfatiza.



Moradora do Sol Nascente sofreu diversos roubos em coletivos

Os criminosos não conseguiram levar o veículo, mas deixaram marcas na vida de Rose. Ela contou à reportagem que, a partir do dia do crime, qualquer pessoa diferente que entra no comércio é motivo de pavor. “Eu fico desconfiada, nervosa. É uma sensação de morte”, descreve.

Rocinha brasileira
As autoridades responsáveis pela segurança de Ceilândia também cuidam dos setores habitacionais Sol Nascente e Pôr do Sol, área considerada crítica e em espera de regularização. Assaltada três vezes em um mês, Jussara (nome fictício), que mora no primeiro condomínio, enfrenta problemas com a depressão e o medo.

“Estou afastada do trabalho há três anos. Foi roubada e fiquei traumatizada”, relata a cobradora de ônibus. Segundo ela, os bandidos a reconheceram e a ameaçaram de morte. “Só fiz a ocorrência porque o motorista insistiu”, diz.

Fonte: Correio Braziliense

O Sol Nascente - lugar de residência da mulher da foto – é tratada na reportagem por “Rocinha brasileira”, uma analogia à maior favela do país localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro conhecida mundialmente pela violência. A figura 6 constrói, assim como a modalidade verbal na reportagem, a narrativa vivenciada pelos moradores e o cenário atual descrito na reportagem, compondo, portanto, o processo de significação do texto.

Figura 8 - Marcas



Fonte: Correio Braziliense

A figura 8, diferentemente das outras fotografias, aproxima o leitor e atribui um caráter mais “específico” à fotografia. O ângulo é frontal e o distanciamento é bem próximo visto que o objetivo é mostrar a marca de um ferimento. O grau de detalhe é alto, a fotografia é nítida, o pano de fundo não é tão evidente, há pouco jogo de luz e sombra e o uso da cor é sem

modulações, com evidência à cor da pele e a ferida. A figura 8 estabelece uma conexão o subtópico “Marcas”.

A figura 9, a seguir, é a última informação apresentada na reportagem. Comprova em dados a fala do especialista e conecta-se ao início da reportagem - o título - que relaciona Ceilândia a insegurança. Além disso, funciona como instrumento de poder e fechamento do texto, pois são números de pesquisa e advêm de instituição relacionada ao tema e pode, portanto, ser pouco passível de contestação. Ao leitor não é exigido discordar, concordar ou refutar, mas comprovar e atestar as informações apresentadas.

Figura 9 - Insegurança

>> Insegurança							
<i>Confira dados da Secretaria de Segurança Pública e da Paz Social de janeiro a julho de 2016 e 2017, referentes a Ceilândia</i>							
Em alta				Em baixa			
Crime	2016	2017	Variação	Crime	2016	2017	Variação
Latrocínio	2	5	150%	Homicídio	49	40	-18,4%
Roubo a pedestre	3.829	3.934	2,7%	Roubo em coletivo	498	462	-7,2%
Furto a pedestre	232	275	18,5%	Roubo em residência	90	79	-12%
Tentativa de homicídio	77	105	36,4%	Furto em veículo	823	630	-23,5%
Tentativa de latrocínio	26	29	11,5%	Tráfico de drogas	358	203	-40,5%
Estupro	54	72	33,3%	Uso e porte de drogas	666	513	-24,5%

Fonte: Correio Braziliense

Os números são apresentados em um quadro (mais um *cluster* imagético). A intenção de causar impacto ao leitor, uma vez que os dados não são apresentados no texto, simplesmente o finalizam: “não precisa dizer mais nada”. O jornalista encerra sua reportagem com informações que não cabem refutação.

Junto à figura 9, são apresentadas a fala do especialista em segurança pública e o capitão do 10º Batalhão de Polícia Militar de Ceilândia. São os únicos personagens da reportagem que têm o nome revelado. Isso implica credibilidade veracidade às informações prestadas.

6 A LEITURA EM LAÇOS

Todo tipo de texto é multimodal e nele estão integrados diferentes recursos semióticos para a produção dos sentidos. Nesse caso, na reportagem, os recursos semióticos constroem uma unidade comunicativa em que a integração de diferentes recursos (cor, fonte, enquadramento, angulação etc.) e de diferentes modalidades (visual, verbal) contribuem para a

construção do significado do texto. Baldry e Thibault (2006, p. 7) denominaram esse processo de “princípio de integração dos recursos semióticos”, assim, recursos visuais e verbais não estão funcionalmente separados, mas constroem significados por meio de interdependência mútua. O texto do Correio tem uma peculiaridade na leitura, ocorre em laços. A Figura 10 representa⁸ o percurso que o *viewer*/leitor passar para interligar os *clusters* de texto, imagem, título e legenda e criar significado na leitura.

A designer gráfica Camila Godoy (2017) esclarece que há diferenças na leitura feita em uma mídia impressa de uma realizada na internet a quem ela denomina por leitura Z e leitura F, respectivamente. A reportagem analisada, mostra um entrelaçamento de informações que busca prender a leitura de todo texto. Traçamos, a seguir, uma possível leitura do texto jornalístico em questão, considerando as amarrações dos *clusters* em suas diversas modalidades. O percurso construído pelo usuário se organiza em torno de elementos catafóricos de rastros a serem perseguidos dentro de *cluster* imagético e verbal (texto, título e/ou legenda). Observemos a Figura 10.

A primeira informação apresentada é por meio da modalidade visual no qual confere aos participantes, por meio da angulação, posição de poder. Essa posição integra-se à modalidade verbal da reportagem no qual os moradores têm espaço de fala. Da mesma maneira, a apresentação da pichação na fotografia, o uso da cor vermelha relacionados com insegurança e violência se integram ao corpo da reportagem que, de forma semelhante, reporta por meio da modalidade verbal a insegurança e violência. Dessa forma, há a complementaridade dos recursos semióticos, os diferentes recursos estão integrados para compor o sentido e não estão “soltos” ou colocados de forma desconexa.

Na reportagem, a utilização da modalidade visual, não é meramente ilustrativa, mas contribui para a composição do texto, as modalidades se integram e constroem uma unidade coerente. Baldry e Thibalt (2006) afirmam que os recursos não estão simplesmente justapostos como modos separados de construção de significado, mas estão combinados e integrados para formar um conjunto complexo que não pode ser reduzido a uma mera soma de partes.

⁸ Destaca-se que é apenas uma representação possível de leitura.

Figura 10 – O percurso da reportagem



Fonte: elaborado pelas autoras

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto jornalístico, enquanto material autêntico das salas de aula, serve como base de reflexão sobre os discursos circundantes nessa esfera. A respeito da cidade de Ceilândia, a reportagem contribui para a construção negativa da cidade, realçando a insegurança, a violência, o medo e reclusão dos moradores, bem como o vínculo da pichação com a violência.

A análise de *cluster*, a teoria da multimodalidade e do design visual contribuem para as análises e entendimento do processo de construção de significados. Percebe-se que diversas modalidades e recursos semióticos integram-se e convergem para a formação de sentido do texto. No caso do texto analisado, os *cluster* visuais e verbais e os recursos visuais utilizados integram-se na construção da reportagem e contribuem para que ocorra o entendimento de seus aspectos ‘invisíveis’.

Dessa forma, iniciar uma reportagem sobre insegurança e violência com uma fotografia de tamanho considerável, retratando uma casa com muro vermelho e pichado, com legenda relacionando pichação e insegurança não é mero acaso, mas é a produção dos sentidos sendo feita por meio das diversas modalidades e recursos. No caso do texto analisado, os *clusters* visuais e verbais utilizados integram-se na construção da reportagem e contribuem para que ocorra o entendimento de seus aspectos ‘invisíveis’.

Para Fairclough (2001, p. 91), mais do que uma prática de representação do mundo, o discurso tem o poder e a propriedade de constituí-lo e construí-lo em significação. As práticas sociais como discurso são também “um modo de ação”, o que implica dizer que os indivíduos como agentes podem atuar sobre o mundo e particularmente sobre os outros.

Como efeito constitutivo, o autor afirma que o discurso tanto contribui para reproduzir a sociedade como também para, de forma criativa, transformá-la. Como efeito construtivo, o discurso contribui para a “construção de identidades sociais, a construção de relações sociais interpessoais e a construção de sistemas de conhecimentos e crenças” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

Os dados analisados neste artigo precisam ser discutidos em sala de aula a fim de provocar debates e promover o fortalecimento do sujeito que vem sendo estigmatizado pela mídia. É importante dar voz aos atores/personagens (moradores da cidade) para refletir sobre como são representados nos jornais e como, de fato, gostariam de ser vistos. Essa meta é a proposta maior para atuação junto a jovens da comunidade, para que se tornem multiplicadores de uma “nova verdade” sobre sua cidade e de seus moradores.

Como citar este artigo:

CAMPÊLO, Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo; SANTOS, Priscila Formiga; FERRAZ, Janaína Aquino. O discurso midiático em *framing*: análise multimodal de texto jornalístico sobre a periferia de Brasília. *ReDCen*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-21, 2018.

Recebido em: 07/12/17
Aprovado em: 26/07/18

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. L. Do texto às imagens: As Novas Fronteiras do Letramento Visual. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCCA, Pilar (Orgs). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 173-202.

CODEPLAN. **Pesquisa distrital por amostra de domicílios: Ceilândia - 2010/2011**. Brasília: Codeplan, 2011.

FARIA, Ricardo. Cidade mais populosa do DF, Ceilândia sofre com violência e insegurança. In: **Correio Braziliense**. 2017. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/10/09/interna_cidadesdf,632326/cidade-mais-populosa-do-df-ceilandia-sofre-com-violencia-e-inseguranc.shtml>. Acesso em: 9 set. 2017.

BALDRY, A.; THIBAUT, P. J. **Multimodal Transcription and Text Analysis: a multimedia toolkit and coursebook**. London: Equinox, 2006.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: Textual Analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. 2nd ed. UK: Pearson Education, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FERRAZ, Janaína de Aquino. **A multimodalidade no ensino de português como segunda língua: novas perspectivas discursivas críticas**. 2011. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília: UnB, 2011.

GODOY, Camila. Padrão de leitura: Z x F. **Io! Comunica**. 2017. Disponível em: <<http://www.iocomunica.com/padrao-de-leitura-z-x-f/#>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

HALLIDAY, Michael A.K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael A.K.; MATHIESSEN, C. M. I. M. **Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

JEWITT, Carey; OYAMA, Rumiko. Visual Meaning: A Social Semiotic Approach. In: VAN LEEUWEN, Theo; JEWITT, Carey (orgs.). **Handbook of Visual Analysis**. London: Sage, 2001, p. 134-155.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse**: The modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 1996.

PEREIRA, V. C. A caixa d'água da Ceilândia e o reconhecimento da memória dos construtores de Brasília. II SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL, Rio de Janeiro, 2016. **Anais...** Rio de Janeiro, 2016.

PINHEIRO, Larisse Lázaro Santos. **Muito além das palavras**: análise de textos multimodais em livros didáticos de espanhol. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)-Universidade de Brasília, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Brasília, 2016.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet, Rei Lear, Macbeth**. Tradução Bárbara Heliodora. São Paulo: abril, 2010. (Clássicos Abril Coleções, v. 10)

SILVA, Denize Elena Garcia. A gramática da pobreza em práticas discursivas de atores sociais: uma perspectiva crítica. In: PINTO, J. P.; FABRÍCIO, B. F. (Orgs.). **Exclusão social e microrresistências**: a entralidade das práticas discursivo-identitárias. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013. p. 88-111.

TAVARES, B. L. **Na quebrada, a parceria é mais forte - Juventude hip hop**: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal. 2009. 150f. Tese (Doutorado)- Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2009.